

CEM ANOS DE CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DAS MISSÕES: QUE IMAGEM DE MISSÃO TRANSPARECE NAS MENSAGENS DOS PAPAS

Porque foi instituído o DMM?

Em 1926, o Papa Pio XI, instituiu a celebração anual do Dia Mundial das Missões a partir de uma proposta da Obra para a Propagação da Fé. Ficava estabelecido um «dia de oração e de propaganda para as missões» a ser celebrado no mesmo dia em todas as dioceses, paróquias e nos institutos do mundo católico e para solicitar óbolo para as missões.

Na mensagem deste ano (2026), Leão XIV recorda os objetivos que presidiram a essa decisão de Pio XI: recolher ofertas para as várias necessidades da missão da Igreja, unir-nos todos os que participam na missão evangelizadora através do testemunho da vida em Cristo, da oração e do contributo para as missões. As nossas orações e o nosso apoio concreto, serão – escreve Leão XIV – «uma grande ajuda para levar o Evangelho do amor de Deus a todos, especialmente aos mais pobres e necessitados».

Ao longo destes 100 anos, a celebração do Dia Mundial das Missões teve sempre como finalidade os objetivos da sua criação, ou seja, incentivar o apoio à obra missionária e rezar pelas missões. A primeira mensagem pontifícia para o Dia Mundial das Missões foi escrita apenas em 1963 pelo Papa Paulo VI. Todavia, antes dessa data já temos importantes pronunciamentos do Magistério sobre as missões. A celebração anual do Dia Mundial das Missões e as mensagens dos Papas para essa ocasião, têm servido para divulgar a um público mais vasto as reflexões da teologia da missão e cartografar a recepção dos documentos do Magistério sobre a atividade missionária da Igreja. É sobretudo, este terceiro elemento que iremos desenvolver. Para a elaboração desta conferência selecionei algumas mensagens dos Papas para o Dia Mundial das Missões e faço referência aos mais significativos documentos do Magistério sobre a atividade missionária da Igreja.

1. De Bento XV a Pio XII

Se devemos a Pio XI a instituição do Dia Mundial das Missões, é justo salientar o papel que o seu antecessor, o Papa Bento XV (1914-1922) teve no desenvolvimento da acção missionária da Igreja. Através da *Maximum illud* (30 novembro 1919) sobre a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo, Bento XV deu um grande impulso às missões. A Primeira Grande Guerra (1914-1918) tinha provocado uma série de problemas nos territórios de missão com a prisão e expulsão de muitos

missionários¹. Todavia, apesar do decréscimo de missionários, o Papa, utilizando a linguagem e teologia da época, recorda o dever que a Igreja tem de anunciar sempre o Evangelho: «A grande e sublime missão que Nosso Senhor Jesus Cristo, quando estava para regressar ao Pai, confiou aos seus discípulos ao dizer-lhes “*ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura*”(Mc 16,15), não podia terminar com a morte dos Apóstolos mas devia continuar, através dos seus sucessores, até ao fim dos tempos, isto é, enquanto existirem na terra pessoas para salvar pelo ensino da verdade» (MI 1)².

Na mesma época, havia entre os missionários um exagerado nacionalismo que o Papa censura com firmeza: «Com grande amargura vemos que, nestes últimos tempos, principiaram a divulgar-se publicações missionárias em que se insiste não tanto no desejo veemente de alargar as fronteiras do reino de Deus como na ânsia de acrescentar a zona de influência da própria pátria» (MI 20). E, mais à frente, retoma a mesma advertência: «Deplorável seria que os missionários, como que esquecidos da sua dignidade, se ocupassem mais da pátria deste mundo que da celeste, e curassem, mais do que convém, do acrescentamento do seu poderio e da sua glória sobre todas as coisas. Esta seria, sem dúvida, a peste mais temível para o apostolado, porque extinguiria no arauto do Evangelho a flama do amor das almas e diminuiria o seu crédito aos olhos das ovelhas do seu rebanho» (MI 30). Ou seja, o objetivo das missões e do trabalho dos missionários é «levar a luz aos que jazem nas sombras da morte e abrir o caminho do céu a quantos correm vertiginosamente para o inferno» (MI 29) e não a execução das políticas dos seus países de origem.

A promoção e formação do clero nativo foi, talvez, o elemento da encíclica mais impactante e com maiores frutos. Para solucionar a falta de missionários, Bento XV instou os bispos a avançar na formação de um clero nativo. Neste sentido, este documento pontifício foi revolucionário na sua forte ênfase na formação de clérigos locais ou indígenas nos territórios missionários. Escreve o Papa: «Na verdade, a Igreja é católica. Em nação alguma e em povo nenhum ela é estrangeira. Convém, portanto, que ela tire de cada país os ministros sagrados que ensinem aos seus concidadãos a lei divina e os conduzam pelas vias da salvação» (MI 24).

A importância histórica da encíclica *Maximum illud* reside na sua oposição ao colonialismo e ao europeísmo no âmbito do trabalho missionário e na criação de

¹ Refira-se, entre muitos outros exemplos, a expulsão dos missionários do Verbo Divino de Moçambique, em 1917. A Alemanha estava em guerra com Portugal e, como todos os missionários verbitas eram alemães e austríacos, foram expulsos da então colónia portuguesa. Cf. P. Schebesta, *Portugal: A missão da conquista no Sudeste de África* (Lisboa, Missionários do Verbo Divino, 2011): 431-435.

² Tecnicamente, a *Maximun illud* é uma carta apostólica. Todavia, a literatura costuma referir-se a ela como uma encíclica. A divisão em parágrafos que aqui usamos segue a existente no texto publicado na coletânea *Doutrina missionária da Igreja* (Lisboa, Obras Missionárias Pontifícias, 1999).

uma igreja nativa autónoma onde os católicos dos territórios ultramarinos pudessem sentir-se em casa³.

A carta de Bento XV constituiu uma reviravolta eclesiológica em comparação com os ensinamentos dos seus antecessores. A atividade missionária deixou de ser concebida como uma entidade separada nas margens da eclesiologia, mas essencialmente como uma função básica da igreja. Pela primeira vez, uma encíclica reconheceu que a Igreja é uma igreja missionária⁴. Esta linha de pensamento desenvolver-se-á nas décadas seguintes e será assumida pelo decreto conciliar *Ad gentes* onde se afirma que a Igreja «é, por sua natureza, missionária, visto que segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo» (AG 2).

Pio XI (1922-1939), na encíclica *Rerum ecclesiae* (28 fevereiro 1926), sobre o progresso das missões, retoma e desenvolve as ideias contidas na *Maximum illud*. O Papa acentua que a razão de ser da Igreja desde as suas origens é «levar a luz do Evangelho e os benefícios da civilização cristã aos povos que jazem ainda ‘nas trevas e na sombra da morte’. [...] Nem efetivamente para outra coisa nasceu a Igreja senão para fazer partilhar da redenção a todos os homens, dilatando pela terra inteira o Reino de Cristo» (RE 1). Pio XI tem sobretudo em mente dois propósitos: 1) que um número muito maior do que até então de missionários, bem treinados nos diferentes campos do conhecimento, seja enviado para as vastas regiões ainda privadas da cultura cristã; 2) em segundo lugar, que os cristãos sejam levados a compreender o dever que lhes incumbe de cooperarem numa obra tão santa e frutífera (cf. RE 6).

Outros elementos se destacam nesta encíclica: 1) o dever missionário dos bispos e dos padres em promover as vocações e favorecer o papel das Obras Missionárias Pontifícias (cf. RE 10-31); 2) a promoção e formação do clero indígena, exigindo aos bispos e superiores em terras de missão que tomem medidas para instruir e formar «jovens indígenas» para «ascenderem à dignidade sacerdotal e para ensinarem a fé aos da sua raça» (RE 34) e, do mesmo modo, «multiplicar o número de catequistas», educando-os e preparando-os para que «aprendam a fundo a doutrina católica e ao tratar dela e ao explicá-la saibam adaptar-se à mentalidade e à inteligência dos ouvintes» (RE 53)⁵; 3) no exercício da caridade, insistindo que os responsáveis no terreno devem criar obras, como por exemplo, hospitais e escolas, para cuidar dos doentes e educar crianças e jovens (cf. RE 65)⁶.

³ Cf. A. Miotk, «The historical significance and prophetic resonance of the Apostolic Letter *Maximum illud* on the centenary of its publication», *Verbum SVD* 60 (2019): 25.

⁴ Cf. A. Miotk: 38.

⁵ A propósito do clero indígena, já Bento XV se queixava que era conflagrador verificar que havia povos «bem cedo iluminados pelo Evangelho» e que podem contar «entre os seus cidadãos varões ilustres em todos os ramos das artes e das ciências, e que, contudo, não conseguiram «produzir bispos que os governem, nem sacerdotes que pelo saber se imponham aos seus concidadãos». Bento XV considerava que «qualquer coisa de defeituoso e de falhado tem havido nos métodos até hoje usados na educação dos padres que se destinam às missões» (MI 26).

⁶ De salientar ainda que Pio XI dá um grande impulso para a posterior extinção do *jus commissionis*. Este era uma espécie de sistema fiduciário que concedia a territórios de missão a determinados

Através da encíclica *Rerum ecclesiae*, Pio XI reafirmou a importância e a urgência dos objetivos missionários programados no início de seu pontificado e manifestou sua determinação de acelerar as etapas para sua realização. Foi nesse contexto que, um rescrito da Sagrada Congregação dos Ritos, assinado pelo Cardeal Vicco, com data de 14 de abril de 1926, constituiu o ato fundador do Domingo Mundial das Missões.

Pio XII (1939-1958) dedicou ao apostolado missionário a encíclica *Evangelii praecones* (2 de junho 1951). O Papa escreve que, olhando para o percurso da Igreja desde a publicação da encíclica missionária do seu antecessor, «é com verdadeiro prazer que tributamos merecidos louvores ao fecundo trabalho realizado, e que exortamos a todos a continuarem com renovado entusiasmo a grande obra encetada» (EP 4). Pio XII repete também o objectivo da ação missionária da Igreja já acentuado anteriormente: «A primeira finalidade das missões é, porém, como todos sabem, que a luz do cristianismo brilhe com maior esplendor ante os novos povos e faça surgir dentre eles novos cristãos. Mas é preciso também que procurem desde logo - e o tenham sempre presente como fito - estabelecer solidamente a Igreja entre os povos evangelizados, dando-lhes uma hierarquia própria, formada de elementos nativos» (EP 24). Pio XII destaca, também, a necessidade e formação do clero nativo (EP 26-29), o papel dos leigos na missão (EP 30-40), a importância da assistência social, das escolas e dos hospitais na evangelização (EP 41-53), a cooperação missionária (EP 62-68) e o respeito pelas civilizações e costumes dos povos, recordando o que já afirmara numa encíclica anterior: «Tudo aquilo que nos costumes dos povos não está ligado com vínculo indissolúvel e superstições e a erros, examine-se com tempo, benevolmente, e, se é possível, conserva-se incólume» (EP 60).

Deste período, que vai da publicação da *Maximum illud* (1919) até às vésperas do Concílio Vaticano II (1962-1965), gostaríamos de salientar os seguintes elementos: 1) há um renovado interesse da Igreja pelas missões; 2) a missão é entendida nestas duas dimensões: salvar almas e implantar a Igreja onde ainda ela não está presente; 3) promover e formar clero nativo; 4) encorajar o papel dos leigos na obra missionária quer através da oração, da ajuda material ou da colaboração no terreno.

institutos missionários e sobre os quais tinham plena responsabilidade. Este sistema levava a que a tarefa da evangelização se tornasse um assunto exclusivo do instituo missionário. Este sistema foi abolido no seguimento do Concílio Vaticano II e substituído pelo *jus mandati*, ou seja, a responsabilidade primeira da missão pertence à Igreja local e ao seu bispo e os missionários estão ao seu serviço. Cf. H. Rzepkowski, *Diccionario de misiología* (Estella, Verbo Divino, 1997): 312-313. Na *Rerum ecclesiae*, Pio XI diz que as ordens e congregações missionárias se devem lembrar que «os territórios das missões não são por elas possuídas em força de um direito exclusivo e perpétuo, mas que os possuem por beneplácito da Santa Sé que tem o direito e o dever de providenciar para que sejam regular e completamente evangelizados» (RE 69). Também Pio XII, na *Evangelii praecones* se ergue contra o exclusivismo territorial e jurisdicional retomando aquelas palavras de Pio XI (cf. EP 56).

Há também, alguns elementos que começam a aflorar timidamente, mas que após o Vaticano II vão ocupar lugar cimeiro na reflexão teológica sobre a missão e na práxis missionária, nomeadamente o respeito pela cultura e costumes dos povos e o papel da assistência social e do desenvolvimento na evangelização.

2. Vaticano II – decreto *Ad gentes*

«A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo» (AG 2). Esta afirmação do decreto conciliar sobre a actividade missionária, *Ad gentes* (1965), representa uma novidade na teologia da missão da época, pois deixa de considerar a actividade missionária como mais uma entre as muitas acções da Igreja e passa a falar da missão como algo inerente à própria natureza da Igreja. A missão brota do desígnio salvífico de Deus que quer salvar o mundo e elevar o homem à dignidade de filho. Este projecto divino foi perturbado pelo pecado do homem; porém, em Cristo, o enviado do Pai, é restabelecida a amizade entre o homem e Deus (AG 3). Aos seus seguidores, reunidos em comunidade, Cristo constituiu continuadores da sua missão através da história. A Igreja tem, assim, o dever de propagar a fé e a salvação de Cristo, prolongando o desígnio salvífico de Deus no tempo e no espaço (AG 5).

Após ter apresentado o papel e o lugar da Igreja no projecto salvífico do Deus Uno e Trino, o documento conciliar define «as missões» como aquelas iniciativas peculiares com que os arautos do Evangelho, indo pelo mundo inteiro «realizam o múnus de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja entre os povos ou grupos que ainda não crêem em Cristo» (AG 6). Estamos neste texto na presença de uma dupla definição de missão que coloca lado a lado a pregação kerigmática e a implantação institucional. Esta dupla posição deve-se ao facto de existirem no Concílio duas posições divergentes sobre a missão. O documento final resolveu a questão falando, simultaneamente, da missão da Igreja em geral e das missões em particular. Deste modo, no decreto *Ad gentes* encontramos quer a antiga noção geográfica de missão, com a sua ênfase na implantação da Igreja, e uma nova concepção mais adequada à novel realidade mundial, onde a ênfase não recai na implantação da Igreja, nem na criação de estruturas ou instituições, mas no serviço desinteressado e no anúncio da Palavra.

O decreto *Ad gentes* menciona alguns caminhos que, nos anos seguintes, irão assumir um relevo cada vez maior na teologia da missão. Em primeiro lugar, apresenta a missão como *missio Dei*, ou seja, ou seja, a auto-revelação de Deus como Aquele que ama e abraça o mundo e a Igreja. É esta ideia de missão que está subjacente à afirmação: «A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que, segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo» (AG 2). A missão enquanto *missio Dei* tem o seu fundamento no desígnio amoroso de Deus que enviou o seu Filho ao mundo para que o mundo seja salvo por Ele (cf. João 3,17) e continuamente convoca e envia os

cristãos na força do Espírito (cf. Actos 1,8) a colaborarem na sua obra salvífica (cf. 1 Coríntios 3,9).

Ad gentes reflecte, também, o novo espírito presente no Concílio, apresentando uma imagem positiva das outras culturas e religiões, reconhecendo que elas são portadoras de valores, «sementes do Verbo nelas latentes» (AG 11). Os padres conciliares defendem o método que mais tarde tomará o nome de adaptação, ou seja, o processo de cristianizar tudo aquilo que, nos costumes e tradições dos povos, não seja incompatível com o Evangelho. Encorajam, igualmente, o papel dos leigos na obra da evangelização da Igreja ao afirmar que «o Evangelho não pode penetrar profundamente nas consciências, na vida e no trabalho de qualquer povo sem a presença activa dos leigos» (AG 21). Em resumo, podemos afirmar que o decreto conciliar *Ad gentes* traz a dimensão missionária para o centro das preocupações da Igreja, fazendo um apelo a todos os cristãos para que assumam a sua vocação de baptizados chamados ao anúncio, pela palavra e pela vida, do desígnio amoroso de Deus a respeito de todas as pessoas.

3. Paulo VI - Evangelização e Desenvolvimento dos Povos

A primeira mensagem para o Dia Mundial das Missões foi publicada em 1963 pelo Papa Paulo VI⁷. O Papa recorda com carinho a viagem apostólica que fizera no ano anterior, ainda como cardeal e arcebispo de Milão, a várias missões católicas na África nas quais constatou as suas imensas necessidades e, ao mesmo tempo, trouxe de volta uma excelente impressão da sua florescente vitalidade. Apela a todos os católicos para que rezem para que Deus se digne a enviar trabalhadores cada vez mais numerosos e dispostos a trabalhar na sua seara; e, além disso, oferecer aos obreiros evangélicos escolhidos a assistência necessária para que possam empreender o seu árduo trabalho com tranquilidade e rapidez. Nessa data, a missão própria e constante da Igreja era ainda entendida numa perspectiva geográfica, como se depreende das suas palavras: «Encher a terra o mais depressa possível com o Nome e as graças de Cristo, para que toda língua confesse que Ele é o único Senhor e Salvador de todos, para a glória do Pai».

Entretanto, o Concílio Vaticano II, abriu novas perspectivas sobre a missão da Igreja e as mensagens seguintes já irão refletir a nova compreensão da missão.

Na mensagem de 1965⁸, Paulo VI destaca a caridade como um caminho de evangelização: «É sabido que a Igreja habitualmente comunica a luz da verdade através do fogo do amor, e as obras de caridade são os meios mais fáceis de manifestar Deus, que é amor. Por isso, onde quer que tenha se espalhado, a Igreja Católica se apresentou com obras de caridade corporal e espiritual: escolas, creches, hospitais; e ainda hoje ela acende o amor a Deus honrando a Sua imagem,

⁷ Texto em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/messages/missions/documents/hf_p-vi_mes_19631019_world-day-for-missions-1963.html

⁸ Texto em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/messages/missions/documents/hf_p-vi_mes_19651023_worl-day-for-missions-1965.html

visível em cada criatura, com obras de misericórdia. Se hoje a Igreja, com a cooperação de todos os fiéis da cristandade, unida ao Papa no apoio às Obras Missionárias Pontifícias, pudesse multiplicar grandemente as obras de caridade das Missões, traria também um aumento incomparável na propagação da Fé em todo o mundo».

Este tema irá ser posteriormente desenvolvido associando mais profundamente a evangelização com o desenvolvimento dos povos. Assim, na mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1970⁹, o Papa Paulo VI introduz alguns temas que irão ser desenvolvidos em profundidade na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, sobre a evangelização do mundo atual, publicada em 1975. O Papa faz uma avaliação positiva das circunstâncias que facilitam as comunicações entre as pessoas: transportes rápidos, o comércio, a cultura e as relações internacionais que tendem ao estabelecimento de contactos entre as diferentes civilizações e têm em vista a unificação do mundo. Ao mesmo tempo, adverte contra as ameaças que podem surgir se faltar «aquela efusão de energias espirituais e aquela solução das ideologias discordantes, numa única e fraterna verdade superior, que só Cristo pode dar ao mundo».

Focando-se na obra da evangelização da Igreja, Paulo VI reconhece que há duas concepções em confronto, que se definem e distinguem com dois nomes: evangelização e desenvolvimento. Por «evangelização» entende-se a ação propriamente religiosa, dedicada ao anúncio do Reino de Deus, do Evangelho, como revelação do desígnio salvífico em Cristo Senhor, mediante a ação do Espírito Santo. Por «desenvolvimento» entende-se a promoção humana, civil e temporal daqueles povos que, em contacto com a civilização moderna e com as ajudas que esta lhes pode dar, tomam nova consciência de si e se encaminham para níveis superiores de cultura e de prosperidade. Na sua opinião, «o missionário deve interessar-se por esta promoção como por um dever imprescindível». Há, porém, um perigo que é «o de as tornar exclusivas, uma em relação à outra; e o de estabelecer inexatamente as relações que devem existir entre elas». Ora, Paulo VI defende que se devem articular estas duas concepções: «Não deve haver um dilema. A questão diz respeito, principalmente, à prioridade dos fins e também à prioridade das intenções e dos deveres. É indiscutível que a actividade missionária tem por fim, antes de tudo, a evangelização, devendo manter esta prioridade, quer na concepção que a inspira, quer nos modos como é organizada e exercida. A actividade missionária perderia a sua razão de ser se procurasse afastar-se do eixo religioso que a sustenta: acima de tudo, o Reino de Deus, o Reino de Deus entendido no seu sentido vertical, teológico e religioso, que liberta o homem do pecado, propondo-lhe o amor como mandamento supremo e a vida eterna como destino último».

Quanto à questão de saber se a evangelização deve preceder o desenvolvimento, ou vice-versa, o Papa diz que a resposta não pode ser unívoca: «deve ser ditada pela experiência, pela possibilidade, pelo empirismo vigilante e paciente, segundo o

⁹Texto em https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/missions/documents/hf_p-vi_mes_19700605_world-day-for-missions-1970.html

talento apostólico e as exigências das várias situações, sem nunca perder de vista a eficácia e a santidade da actividade missionária. Podemos considerar três momentos. O desenvolvimento, considerado como emprego dos meios de ordem temporal, pode ter prioridade antes, durante e depois da evangelização, embora esta conserve a sua prioridade essencial e intencional». Ou seja, estas duas concepções andam juntas porque «onde chega o Evangelho, chega igualmente a caridade».

Na mensagem para 1971, Paulo VI apela à responsabilidade de todos os cristãos na pregação da Boa-Nova¹⁰, afirmando que «o Povo de Deus é um povo missionário» e que «nenhum cristão — seja papa, bispo, sacerdote, religioso ou leigo — pode renunciar à sua responsabilidade, no que diz respeito a este dever essencial de cristão». Mas uma vez que nem todos se podem consagrar à missão *ad gentes* por toda a vida, «devemos, pelo menos, prover ao seu pão quotidiano e às necessidades que as suas obras requerem», implorar, através da oração, «as graças divinas sobre as empresas dos nossos missionários» e devemos juntar «as esmolas generosas, porque, nas condições actuais da nossa existência terrena, é também necessária a assistência material». Estes são, muitas vezes, «o único meio de que dispomos para cumprir o dever missionário que incumbe a todos os cristãos».

Em 1975, Paulo VI publicou a exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Este documento foi publicado na sequência do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização, que teve lugar no ano anterior. Nesta exortação, Paulo VI prefere utilizar o termo «evangelização» em vez de «missão», e apresenta de forma incisiva a relação que deve existir entre a evangelização e a promoção humana e a libertação de tudo quanto possa diminuir e afectar a dignidade da pessoa. A evangelização não pode, na sua opinião, estar desligada da promoção humana, existindo laços profundos entre ambas, de ordem antropológica porque o homem a ser evangelizado não é um ser abstracto; de ordem teológica, porque não se pode dissociar o plano da Criação do plano da Redenção e da ordem evangélica, porque, pergunta o papa, como se poderia proclamar o mandamento novo do amor sem promover, na justiça e na paz, o verdadeiro e autêntico progresso do homem? (cf. EN 31). A *Evangelii nuntiandi* apresenta Jesus Cristo como o primeiro evangelizador, aquele que anunciou o Reino de Deus e uma salvação que liberta o homem de tudo quanto o oprime (cf. EN 6-9). A Igreja, comunidade evangelizada e evangelizadora, continua a missão de Cristo: «evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar» (EN 14).

Paulo VI defende que a evangelização dever ser integral e holística¹¹, pois «nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. E impossível captá-la se não se procurar abranger com

¹⁰ Texto em https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/missions/documents/hf_p-vi_mes_19710625_world-day-for-missions-1971.html

¹¹ Cf. J. Kroeger, «Exploring the missionary wisdom of *Evangelii nuntiandi*», in *Verbum SVD* 55 (2014): 141-144.

uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais» (EN 17). Através da evangelização, a Igreja deve «levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade» (EN 18). Em suma, «para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação» (EN 19).

A *Evangelii nuntiandi* salienta a importância proclamação explícita do Evangelho aliada à presença e testemunho cristãos. Ao mesmo tempo exige o compromisso com o desenvolvimento social e a libertação de tudo o que oprime o ser humano.

Neste mesmo documento, Paulo VI reconhece que a ruptura existente entre o Evangelho e a cultura, é o grande drama da nossa época. A ruptura entre a fé e a cultura torna-se, a partir de então, o pano de fundo que condiciona toda a reflexão missiológica e impulsionará uma evangelização inculturada. A evangelização das culturas não pode ser feita «de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes» (EN 20). Na verdade, o diálogo com as diversas culturas e religiões do mundo irá, nos anos seguintes, ocupar um lugar de relevo na reflexão teológica e na prática pastoral.

4. João Paulo II

Foi, sobretudo, através das mensagens para o Dia Mundial das Missões e da publicação da encíclica *Redemptoris missio*, que o Papa João Paulo II recordou o dever missionário da Igreja, procurou clarificar a linguagem da actividade missionária da Igreja e propôs metodologias adequadas aos diferentes contextos da missão. Nas suas intervenções apontou, não só as prioridades da acção pastoral da Igreja, mas também alertou para a existência de novas e diversas situações que requerem uma resposta missionária. Refira-se, ainda, que João Paulo II também falava regularmente sobre a necessidade e a urgência de não descuidar a primeira evangelização, ou seja, o anúncio do Evangelho àqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo. Apresento, a seguir, alguns documentos de João Paulo II nos quais podemos adquirir uma ideia abrangente sobre a sua visão missionária.

A sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Missões (1979), tem como título «Solidário entusiasmo missionário para construir a ‘civilização nova’»¹². Nela, João Paulo II retoma e desenvolve uma frase da encíclica *Redemptor hominis*: «a missão não é nunca destruição, mas reassunção de valores e nova construção». Por isso,

¹² Texto em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/missions/documents/hf_jp-ii_mes_14061979_world-day-for-missions-1979.html

diz como é que o missionário se deve comportar face aos valores humanos com os quais o entra em contacto na obra de evangelização. Face a esses valores, o missionário «deverá colocar-se em atitude de atenta e respeitosa reflexão, preocupando-se com não abafar nunca, mas salvar e desenvolver, tais bens acumulados no decurso de tradições de séculos». Nesta mensagem, apesar de ainda não utilizar o termo «inculturação», João Paulo II defende que a acção evangelizadora deve tender «a dar relevo e a desenvolver aquilo que, sendo válido e são, está presente no homem evangelizado, como no contexto sócio-cultural a que ele pertence». Sugere que se utilize um método «atento e discreto de educação (no sentido etimológico de ‘tirar para fora’）」 para que que esses valores atinjam a maturidade e, «depois de os purificar das incrustações e dos sedimentos acumulados com o tempo, os autênticos valores de espiritualidade, religiosidade e caridade que, como ‘sementes do Verbo’ e ‘sinais da presença de Deus’, abrem o caminho à aceitação do evangelho». Deste modo, «iluminando com a palavra do Mestre aquela soma de costumes, tradições e conceitos que formam o património espiritual dos povos, a Igreja contribuirá assim para a construção duma civilização nova e universal, que, sem alterar a fisionomia e os aspectos típicos dos diversos contextos étnico-sociais, atingirá o seu aperfeiçoamento adquirindo os mais altos conteúdos evangélicos».

No ano seguinte, João Paulo II escreve a mensagem após a sua primeira viagem apostólica ao continente africano [Zaire, Congo, Quênia, Gana, Alto Volta e Costa do Marfim]. Intitulada «A Igreja encarna-se na missão e plasma o homem novo»¹³, a mensagem reafirma a urgência da missão, porque «uma atitude de renúncia por parte da Igreja estaria, portanto, em contraste com a missão a ela confiada, que é de revelar Cristo ao mundo». Sem as missões, «não poderia nascer e desenvolver-se a civilização nova, fundada — sob o signo de Cristo — sobre a justiça, a paz e o amor, porque é *na Missão que se plasma o homem novo*, consciente da sua dignidade e do seu destino transcendente de criatura remida». João Paulo II retoma, também, uma ideia-chave de Paulo VI da profunda ligação que existe entre evangelização e promoção humana, uma vez que as missões «são, ao mesmo tempo, centros de promoção humana, porque se, por um lado, a Igreja, em virtude do princípio da caridade que a anima, não pode ficar insensível às necessidades materiais dos irmãos, por outro, evangelizando e auxiliando o homem a compreender-se a si mesmo em Cristo, promove desse modo também a consciência civil e o progresso social».

Em 1990, João Paulo II publicou a encíclica *Redemptoris missio* sobre o mandato missionário da Igreja. Nela, o Papa clarifica alguns termos, esclarece os objectivos da missão e indica os métodos a utilizar na evangelização. Por detrás do texto estava um Papa muito preocupado com a situação do mundo; um mundo onde a opulência de poucos contrasta com a pobreza de multidões, um mundo dividido em consequência de extremismos políticos, religiosos e culturais, e onde a xenofobia e o racismo estavam a ganhar terreno. Contudo, é neste mundo tão diversificado, dividido e conflituoso que João Paulo II reitera a necessidade de

¹³ Texto em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/missions/documents/hf_jp-ii_mes_25051980_world-day-for-missions-1980.html

anunciar Jesus Cristo para que as pessoas sejam libertadas de toda a alienação e extravio, da escravidão, do poder do pecado e da morte (cf. RM 11). O anúncio da Boa Nova deve respeitar todas as crenças e sensibilidades, mas sem reduzir o cristianismo a uma sabedoria meramente humana. Este anúncio dirige-se, segundo o Papa, não só aos povos que ainda não conhecem a Cristo, mas, também às situações criadas pelos novos fenómenos sociais, por exemplo, os refugiados, as minorias, os jovens, as populações dos grandes subúrbios urbanos (cf. RM 37 b, c). O Papa recorda que os cristãos não se podem esquecer de colaborar com os outros homens e grupos com vista à resolução dos problemas que afectam a humanidade. Todavia, eles não podem deixar de proclamar que Cristo é a revelação e a encarnação da misericórdia de Deus (cf. RM 12).

A encíclica *Redemptoris missio* retoma uma ideia fundamental, já anteriormente afirmada, nomeadamente por Paulo VI, de que a primeira forma de evangelização é o testemunho. A missão requer testemunhas, porque, na nova maneira de evangelizar, as actividades, que possam ser realizadas, são consideradas secundárias, o que é importante é a presença e o estar juntos com as pessoas. Estas acreditam mais «nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos do que na teoria. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão. [...] A primeira forma de testemunho é a *própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial*, que torna visível um novo modo de se comportar» (RM 42).

Na mensagem de 2002, aparece um tema que, desde então, tem tido lugar de destaque no magistério pontifício: a relação entre o diálogo e promoção da paz. «Cristo ressuscitado dá aos seus discípulos a paz. A Igreja, fiel ao mandamento do seu Senhor, continua a proclamar e a difundir a paz. Mediante a evangelização, os crentes ajudam os homens a reconhecerem-se como irmãos e, como peregrinos na terra, mesmo se por caminhos diferentes, todos se encaminham para a Pátria comum que Deus, por veredas que só Ele conhece, não deixa de nos indicar. A via-mestra da missão é o diálogo sincero (cf. *Ad gentes*, 7; *Nostra aetate*, 2); o diálogo que ‘não nasce de tácticas ou de interesses’ (*Redemptoris missio*, 56), e nem sequer é fim em si mesmo. O diálogo, aliás, que deixa falar o próximo com estima e compreensão, afirmando os princípios em que se crê e anunciando com amor as verdades mais profundas da fé, que são alegria, esperança e sentido da existência. No fundo, o diálogo é a realização de um impulso espiritual, que “tende à purificação e conversão interior que, se for realizada na docilidade ao Espírito, será espiritualmente frutuosa” (ibid., 56). O empenho por um diálogo atento e respeitador é uma *conditio sine qua non* para um autêntico testemunho do amor salvífico de Deus». Cultivar o diálogo, entre pessoas, grupos e nações, é um caminho para a paz. Os cristãos em geral e os missionários em particular são encorajados a cultivar o diálogo com todos. Só, assim, se curam as feridas provocadas pelos conflitos e divisões e se gera uma verdadeira comunhão.

5. Bento XVI – A caridade é a alma da missão

Durante o concílio Vaticano II, o jovem sacerdote Joseph Ratzinger participou nos trabalhos de elaboração do decreto conciliar *Ad gentes*. A comissão que preparou o texto reuniu-se várias vezes em Nemi, nos arredores de Roma, na casa de retiros dos Missionários do Verbo Divino. No dia 9 de julho de 2012, Ratzinger – Papa Bento XVI – regressou a Nemi para se encontrar com os membros do XVII Capítulo Geral da Congregação do Verbo Divino. Falando de improviso, Bento XVI começou por recordar a sua participação nos trabalhos de preparação do decreto conciliar sobre as missões. Seguidamente, disse que, na sua opinião, hoje como então, é necessário «levar a luz da Palavra de Deus, a luz do amor de Deus ao mundo, e dar uma renovada alegria a este anúncio». E, salientou que o decreto *Ad gentes* acentua a ideia que o bem contém em si a necessidade de se comunicar, de se doar. Nas suas palavras, este dinamismo «já se manifesta no mistério trinitário, no interior de Deus, e difunde-se na história da salvação e na nossa necessidade de dar aos outros o bem que recebemos». E, mais à frente, Bento XVI insistiu nesta ideia: «O dinamismo missionário vive, e só vive se houver a alegria do Evangelho, se fizermos a experiência do bem que provém de Deus e que deve e quer comunicar-se»¹⁴.

A fé contém em si a dinâmica do anúncio, não é algo que eu guardo para mim, um depósito a preservar, como um tesouro bem guardado numa caixa-forte. A fé (a minha fé; a fé da Igreja) cresce na medida em que se anuncia, se abre, se partilha. Daí que a caridade seja a alma da missão. Este foi, aliás, o tema da mensagem de Bento XVI para o Dia Mundial das Missões de 2006¹⁵. Tema que estava em sintonia com a sua primeira encíclica, *Deus caristas est*. Bento XVI afirma que «se não for orientada pela caridade, isto é, se não brotar de um profundo acto de amor divino, a missão corre o risco de se reduzir a uma mera actividade filantrópica e social». Por conseguinte, cada comunidade cristã «é chamada a fazer conhecer Deus, que é Amor».

Da mensagem de 2007, parece-me importante salientar a abertura ao entendimento da missão não só como missão *ad gentes*, mas também como missão *inter gentes*. Na mensagem, intitulada «Todas as Igrejas para o mundo inteiro»¹⁶, Bento XVI não usa a expressão *inter gentes*. Contudo, quando apela à cooperação missionária entre as Igrejas de todos os continentes, as suas palavras podem ser lidas nessa perspetiva: «O Bom Pastor convida a dedicar-se generosamente à *missio ad gentes* também as Igrejas de recente evangelização. Mesmo encontrando não poucas dificuldades e obstáculos no seu desenvolvimento, estas comunidades estão em crescimento constante. Algumas felizmente abundam de sacerdotes e de pessoas consagradas, não poucos dos

¹⁴ «Discurso do Papa Bento XVI por ocasião da visita à casa dos Verbitas em Nemi». Texto em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20120709_nemi.html

¹⁵ Texto em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20060429_world-mission-day-2006.html

¹⁶ Texto em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/missions/documents/hf_ben-xvi_mes_20070527_world-mission-day-2007.html

quais, mesmo sendo tantas as necessidades *in loco*, são, contudo, enviados para desempenhar o seu ministério pastoral e o seu serviço apostólico noutras partes, também nas terras de antiga evangelização. Assiste-se desta forma a um providencial ‘intercâmbio de dons’, que redundará em benefício para todo o corpo místico de Cristo».

Hoje, missionários das antigas terras de missão são enviados para as terras da antiga Cristandade e vice-versa. Há um intercâmbio de agentes da evangelização entre todos os continentes. Já não existe a tradicional divisão entre os países que enviam e os que recebem missionários. Hoje, todos enviam, e todos recebem¹⁷.

6. O Papa Francisco e a alegria do Evangelho

Em 2013, o Papa Francisco publicou a exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Este é um texto fundamental para compreender o pontificado do Papa Francisco, nomeadamente a sua eclesiologia. Por conseguinte, também é indispensável para compreender a sua teologia da missão. Francisco quer uma Igreja «em saída», uma Igreja «com as portas abertas» (EG 46), uma comunidade de discípulos missionários que «sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. [...] Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a ‘acompanhar’» (EG 24).

A missão torna-se, com o Papa Francisco, o núcleo central da vida da Igreja que deve permear todas as suas obras, instituições, serviços, estruturas. Ele sonha «com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação» (EG 27). Daí que todas as instâncias e estruturas se devam tornar mais missionárias.

Francisco, no seguimento da quinta conferência geral da CELAM realizada em 2007, em Aparecida¹⁸, de cujo documento final foi um dos principais redatores, insiste na

¹⁷ A *missio ad gentes* sugere «one-way activity». Por seu lado, a *missio inter gentes* dá relevo à solidariedade e parceria com os povos da Ásia. Antonio Pernia defende que a noção de *missio inter gentes* não vem substituir a *missio ad gentes* mas vem enriquecer o conceito de missão ao destacar esta como «diálogo con la gente», «encuentro entre las gentes» e «encuentro de un hogar en medio de la gente». Cf. A. Pernia, «Missio inter gentes», *Arnoldus Nova* (Noviembre 2009), p. 2.

¹⁸ «Assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente, que nos exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter a cada cristão em um discípulo missionário. Necessitamos desenvolver a dimensão missionária da vida de Cristo. A Igreja necessita de uma forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos

afirmação de que todos os batizados são discípulos missionários: «Em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções» (EG 120). Esta verdade está condensada na feliz expressão «Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo» (EG 273).

O cristão é simultaneamente discípulo e apóstolo; aprende com o Mestre e é enviado em missão. Na *Evangelii gaudium*, o discipulado tomou o centro do palco¹⁹. O Sínodo dos Bispos (2021-2024) retomou este tema ao dedicar-lhe a parte V do documento final: «‘Também Eu vos envio’. Formar um povo de discípulos missionários».

A evangelização é, pois, o primeiro dever da Igreja. Esta, diz Francisco, «é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um *mistério* que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional» (EG 111).

A Igreja é missionária por natureza e, dessa natureza, brota «a caridade efectiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove» (EG 179). Na verdade, é a partir do coração do Evangelho que a Igreja reconhece a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana. De facto, «a aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas acções uma primeira e fundamental reacção: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros» (EG 178).

Em jeito de síntese, condensaria em três pontos a visão missionária proposta na *Evangelii gaudium*: 1) todo o batizado é discípulo missionário; 2) a Igreja é verdadeiramente uma comunidade missionária e evangelizadora quando é uma Igreja em saída, com as portas abertas; 3) a natureza missionária da Igreja requer uma conversão pastoral.

Nas mensagens para o Dia Mundial das Missões, o Papa Francisco foi destacando alguns temas da *Evangelii gaudium*. A repetição destes temas tinha, também, como objetivo a sua difusão e recepção entre os fiéis. Assim, em 2014²⁰, Francisco fala da

que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo» (Aparecida 362). Texto em <https://franciscanos.org.br/wp-content/uploads/2012/10/docaparecida1.pdf>

¹⁹ In *Evangelii Gaudium* «the language of discipleship takes center stage in describing the missionary nature of the church». S. Bevans, *Community of missionary disciples. The continuing creation of the church* (Orbis Books, 224): 317.

²⁰ Texto em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20140608_giornata-missionaria2014.html

urgência da missão e retoma de novo a noção de uma Igreja em saída e a responsabilidade missionária de todos os batizados, escrevendo: «Ainda hoje há tanta gente que não conhece Jesus Cristo. Por isso, continua a revestir-se de grande urgência a missão *ad gentes*, na qual são chamados a participar todos os membros da Igreja, pois esta é, por sua natureza, missionária: a Igreja nasceu ‘em saída’».

Em 2015²¹, destaca o diálogo com as culturas e o lugar privilegiado dos pobres como destinatários do anúncio do Evangelho. A propósito das culturas, escreve: «Hoje, a missão enfrenta o desafio de respeitar a necessidade que todos os povos têm de *recomeçar das próprias raízes e salvaguardar os valores das respectivas culturas*. Trata-se de conhecer e respeitar outras tradições e sistemas filosóficos e reconhecer a cada povo e cultura o direito de fazer-se ajudar pela própria tradição na compreensão do mistério de Deus e no acolhimento do Evangelho de Jesus, que é luz para as culturas e força transformadora das mesmas» A respeito dos pobres, Francisco reafirma o que já tinha afirmado noutras ocasiões: os destinatários privilegiados do anúncio evangélico são «os pobres, os humildes e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não te podem retribuir (cf. *Lc 14, 13-14*). Uma evangelização dirigida preferencialmente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer: ‘existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!’ (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 48)».

Em 2016, com o tema «Igreja missionária, testemunha de misericórdia»²², liga a mensagem do Dia Mundial das Missões com o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, nesse ano celebrado.

Em 2019, no centenário da publicação da *Maximun illud*, Francisco insiste novamente que todos os batizados são discípulos missionários²³. Escreve: «Sê homem de Deus, que anuncia Deus (cf. Carta ap. *Maximum illud*): este mandato toca-nos de perto. Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida. Para o amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque fruto do amor de Deus». A mesma ideia é repetida, noutro modo, na mensagem de 2022, cujo tema era «Sereis minhas testemunhas (At 1,8)»²⁴: «Todos os discípulos serão testemunhas de Jesus, graças ao Espírito Santo que vão receber: será a graça a constituí-los como tais, por todo o lado aonde forem, onde quer que estejam. Tal como Cristo é o primeiro enviado, ou seja, missionário do Pai (cf. *Jo 20,21*) e, enquanto tal, a sua ‘Testemunha fiel’

²¹ Texto em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html

²² Texto em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20160515_giornata-missionaria2016.html

²³ Texto em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html

²⁴ Texto em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20220106-giornata-missionaria.html>

(Ap 1,5), assim também todo o cristão é chamado a ser missionário e testemunha de Cristo. E a Igreja, comunidade dos discípulos de Cristo, não tem outra missão senão a de evangelizar o mundo, dando testemunho de Cristo. A identidade da Igreja é evangelizar». Francisco argumenta que a forma plural da missão confiada aos discípulos (sereis minhas testemunhas) destaca o carácter comunitário-ecclesial do chamamento missionário dos discípulos. Por isso, «a missão realiza-se em conjunto, não individualmente: em comunhão com a comunidade eclesial e não por iniciativa própria».

A mensagem de 2024²⁵, inspira-se na parábola do banquete, onde «seguindo a recomendação do rei, os servos reuniram ‘todos aqueles que encontraram, maus e bons’ (Mt 22,10). Além disso, os convidados especiais do rei são precisamente «os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos» (Lc 14,21), isto é, os últimos e os marginalizados da sociedade». Francisco está afirmando que na Igreja há lugar para todos, em especial os que vivem nas periferias existenciais.

«Missionários de esperança entre os povos» foi o tema da sua última mensagem para o Dia Mundial das Missões (2025)²⁶. Francisco associa a missão ao tema do Jubileu nesse ano celebrado: «Hoje, perante a urgência da missão da esperança, os discípulos de Cristo são os primeiros convocados a formar-se para serem “artesãos” de esperança e restauradores de uma humanidade, frequentemente, distraída e infeliz».

7. Leão XIV

Na sua primeira bênção *Urbi et Orbi*, a 8 de maio de 2025²⁷, o Papa Leão XIV afirmou: «A paz esteja convosco! Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz que desarma, que é humilde e perseverante. Que vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente». E, a terminar a sua alocução, disse: «Uma saudação especial à Igreja de Roma! Devemos procurar juntos o modo de ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, que constrói o diálogo, sempre aberta para acolher a todos, como esta Praça, de braços abertos, a todos aqueles que precisam da nossa caridade, da nossa presença, de diálogo e de amor».

Destas palavras de Leão XIV gostava de salientar dois elementos: 1) a referência à paz desarmada e desarmante que se tornará uma das chaves de leitura das suas intervenções posteriores; 2) o apelo a construirmos juntos uma Igreja missionária, capaz de acolher a todos e aberta ao diálogo.

²⁵ Texto em

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20240125-giornata-missionaria.html>

²⁶ Texto em

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20250125-giornata-missionaria.html>

²⁷ Texto em <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/urbi/documents/20250508-primabenedizione-urbietorbi.html>

Na encíclica *Magnifica humanitas*, Leão XIV retoma a ideia da paz desarmada e desarmante no contexto da inteligência artificial. A dado momento, escreve: «Por fim, gostaria de utilizar uma palavra que me é cara: “desarmar”. Desarmar a IA significa subtraí-la à lógica da competição armada, que hoje não é apenas militar, mas também económica e cognitiva. Trata-se da corrida ao algoritmo mais eficaz e ao banco de dados mais vasto, com o objetivo de consolidar uma vantagem geopolítica ou comercial sobre todos os outros. Desarmar significa quebrar esta equivalência entre poder técnico e direito de governar. Não significa renunciar à tecnologia, mas impedir que ela domine o ser humano. Significa retirá-la dos monopólios, torná-la discutível, contestável e, portanto, habitável, devolvendo-a à pluralidade das culturas humanas e formas de vida. A tarefa, hoje, não é apenas ética ou técnica: é ecológica no sentido mais radical, porque envolve uma nova dimensão da nossa Casa comum. A IA é o ambiente em que estamos imersos e o poder com que temos de lidar. Por isso, não basta regulá-la: deve ser desarmada e tornada acolhedora» (MH 111).

Um contributo importante para promover uma civilização mais humana é, segundo Leão XIV, prestar atenção às nossas palavras, pois desarmando as palavras contribuímos para desarmar a Terra (cf. MH 214). Aplicando esta proposta à missão da Igreja podemos perguntar como fazer uma missão desarmada e desarmante.

O apelo a construir juntos uma Igreja missionária é retomado na mensagem para o Dia Mundial das Missões deste ano que tem como título «Um em Cristo, unidos na missão»²⁸. Há, nitidamente, neste título, uma ligação ao seu lema episcopal: «*In Illo uno unum*» [Nele que é Um (Cristo), sejamos um só] retiradas de um sermão de Santo Agostinho.

Duas linhas de força sobressaem na mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2026: o apelo à unidade e o apelo ao serviço. Assim, «a primeira responsabilidade missionária da Igreja é renovar e manter viva a unidade espiritual e fraterna entre os seus membros». É nessa união que a obra da evangelização deve estar fundada, pois «a unidade dos discípulos não é um fim em si mesma: ela está orientada para a missão. Jesus afirma-o com clareza: «para que assim [...] o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17,21). É no testemunho de uma comunidade reconciliada, fraterna e solidária que o anúncio do Evangelho encontra toda a sua força comunicativa». O caminho missionário da Igreja «requer corações unificados em Cristo, comunidades reconciliadas e, em todos, disponibilidade para colaborar com generosidade e confiança». Mas, se a unidade é condição para a missão, o amor é a sua essência, esclarece reafirmando que «Boa Nova que somos enviados a anunciar ao mundo não é um ideal abstrato: é o Evangelho do amor fiel de Deus, encarnado no rosto e na vida de Jesus Cristo». Por isso, «estar unidos na missão significa guardar e alimentar a espiritualidade de comunhão e colaboração missionária», sabendo «acolher a diversidade como riqueza».

²⁸ Texto em <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/mission/documents/20260125-giornata-missionaria.html>

Leão XIV, no seguimento dos seus predecessores, anima todos os batizados a participar na missão da Igreja, cada um segundo o seu estado de vida e papel na comunidade eclesial. O Papa agradece e admira o trabalho dos missionários – sacerdotes, religiosas, leigos – no terreno e pede que nos unamos a eles «na missão evangelizadora através do testemunho da vida em Cristo, da oração e do contributo para as missões».

A celebração do Dia das Missões tem sido, também, uma ocasião para confiar a obra da evangelização nas mãos de Maria, Rainha das Missões. Por exemplo, na mensagem de 2019, o Papa Francisco escrevia: «Maria, nossa Mãe, confiamos a missão da Igreja. Unida ao seu Filho, desde a encarnação, a Virgem colocou-se em movimento, deixando-se envolver-se totalmente pela missão de Jesus; missão que, ao pé da cruz, havia de se tornar também a sua missão: colaborar como Mãe da Igreja para gerar, no Espírito e na fé, novos filhos e filhas de Deus». Leão XIV termina a mensagem de 2026 com estas palavras: «Maria, Rainha das missões, acompanhai a nossa obra evangelizadora em todos os cantos da terra: tornai-nos instrumentos de paz e fazei que o mundo inteiro reconheça em Cristo a luz que salva». Cem anos antes (1919), Bento XV concluía a carta apostólica *Maximum illud* com estas palavras: «Seja propícia a estes votos comuns a excelsa Mãe de Deus, Rainha dos Apóstolos, e obtenha para os arautos do Evangelho a efusão do Espírito Divino».

8. Pontos a salientar deste percurso de 100 anos

Desta breve panorâmica acerca do pensamento da Igreja sobre a missão ao longo destes cem anos, parece-me importante salientar três pontos:

1) O contexto histórico, social, religioso, etc., condiciona e estimula a reflexão sobre a missão da Igreja e a sua práxis pastoral. Por exemplo, Bento XV sentiu a urgência de dar um novo e vigoroso impulso à obra da evangelização devido à crise provocada pela Primeira Grande Guerra. A abertura da Igreja ao mundo, promovida pelo Concílio Vaticano II, possibilitou um renovado interesse da missão pelas questões da justiça social e do desenvolvimento dos povos, assim como o reconhecimento dos valores existentes nas diversas culturas e religiões. O compromisso com a justiça e a paz, o diálogo inter-religioso e a inculturação são algumas das expressões desta atitude da Igreja pós-Vaticano II.

2) A missão pertence à natureza da Igreja. Se, há 100 anos, a missão era entendida como uma entre as muitas atividades da Igreja, hoje, ela ocupa o centro da vida eclesial. A Igreja é, por sua natureza, missionária e todos os batizados são discípulos missionários. Como afirma o decreto *Ad gentes*: «A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que, segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo» (AG 2).

3) A Igreja participa na missão de Deus dando continuidade à missão de Cristo na força do Espírito. Se há 100 anos, a missão era entendida como um meio para

implantar a Igreja onde ainda ela não estava presente ou estava de forma insuficiente, hoje a missão é entendida como *missio Dei*. «A missão da Igreja realiza-se mediante a operação pela qual, obediente ao mandato de Cristo e movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo, se torna plenamente presente a todos os homens e povos [...] para os conduzir à fé, liberdade e paz de Cristo» (AG 5).

9. Desafios de hoje

Chegados aqui, gostaria também de mencionar alguns desafios que hoje se apresentam à evangelização.

1) O primeiro desafio consiste em articular o dever do anúncio do Evangelho com a promoção do diálogo entre culturas e religiões. Anunciar o Evangelho continua a ser o primeiro dever do missionário. Todavia, nem todos os métodos são apropriados para efetuar o esse anúncio. Atitudes exclusivistas ou a missão de conquista, predominantes nalgumas épocas da história, estão hoje ultrapassadas. Na missão, o anúncio e o diálogo caminham juntos²⁹. Ou seja, se é verdade que não podemos renunciar àquilo em que acreditamos, por outro, também não podemos impor as nossas crenças aos outros através da força ou da coação psicológica. É sobretudo pelo testemunho de vida que o anúncio é eficaz. Alguns teólogos da missão propõem o diálogo profético como resposta a este desafio³⁰.

2) Outro grande desafio que a missão enfrenta é o crescente nacionalismo e xenofobia. Perante esta realidade, é importante cultivar a missão intercultural. A missão intercultural é missão *inter gentes*³¹. Entendemos a interculturalidade como a interação sustentada e continuada entre pessoas criadas em ambientes culturais diferentes. Pessoas de diferentes grupos culturais interagem umas com as outras, aprendem juntas, constroem relações e conseguem transformar-se a partir das experiências de todos. A interculturalidade requer a passagem de uma atitude que

²⁹ Em 1991 a Santa Sé publicou o documento *Diálogo e anúncio*, cujo objectivo era esclarecer a íntima relação existente entre o diálogo e o anúncio na missão da Igreja. O documento insiste na íntima ligação entre diálogo e anúncio: «true interreligious dialogue on the part of the Christian supposes the desire to make Jesus Christ better known, recognized and loved; proclaiming Jesus Christ is to be carried out in the Gospel spirit of dialogue» (#77) e os cristãos estão chamados a envolverem-se pessoalmente «in these two ways of carrying out the one mission of the Church, namely proclamation and dialogue». Para isto, devem «deepen their faith, purify their attitudes, clarify their language and render their worship more and more authentic» (#82).
Texto em
https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_en.html

³⁰ Cf. S. Bevans and R. Schroeder, *Prophetic Dialogue. Reflections on Christian Mission Today* (Maryknoll, Orbis Books, 2011); C. Ross and S. Bevans, *Mission on the road to Emmaus. Constants, context and prophetic dialogue* (London, SCM Press, 2015); J. A. da Silva, *Diálogo profético. Identidade e missão da Congregação do Verbo Divino* (Fátima, 2014).

³¹ A expressão missão *inter gentes* sinaliza uma tentativa em ultrapassar as limitações do modelo anterior, conhecido como missão *ad gentes*, que distinguia entre os enviados (os missionários) e destinatários (os ouvintes). A missão intercultural é missão *inter gentes* ao destacar a possibilidade e o potencial de uma missão mútua e colaborativa *pelos e para* os povos, as religiões e as culturas do mundo. Estes são simultaneamente enviados e destinatários. Cf. J. Y. Tan, “Missio Inter Gentes”, in L. Stanislaus e M. Ueffing, *Intercultural mission* (St. Augustin, 2015): 187-200.

tolera as diferenças para a valorização e celebração da diferença entre as culturas. A interculturalidade é muito mais do que viver e trabalhar juntos como se poderia pensar. No campo da missiologia, a interculturalidade é consequência do reconhecimento conciliar daquilo que de positivo existe em cada cultura, ou seja, das «sementes do Verbo» (cf. AG 11). No coração de cada pessoa há coisas boas que não se podem perder, mas ao mesmo tempo, há elementos nas culturas e ritos dos povos que precisam de ser iluminados pelo Evangelho (cf. LG 17). É neste contexto multicultural que a Igreja é convocada para a missão. Parafraseando uma ideia cara do Papa Leão XIV diríamos que face às culturas e religiões do mundo, a Igreja tem de cultivar uma missão desarmada e desarmante.

3) A persistência de grandes desigualdades entre pessoas e entre povos, entre a opulência de uma minoria e a pobreza de multidões. A isto, somam-se os conflitos armados e a degradação dos ecossistemas, com consequências devastadoras na vida dos mais pobres. Daí, a necessidade de insistir no compromisso dos cristãos em geral, e da missão em particular, na promoção da paz e da justiça e na proteção e salvaguarda da criação.

4) Continua atual o sonho do Papa Francisco de todas as comunidades cristãs (dioceses, paróquias, instituições eclesiais, etc.) avançarem «no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão» (EG 25). É uma tarefa exigente, necessária em muitas frentes, como bem assinalou o Papa Francisco: «Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade» (EG 27). O caminho sinodal tão acarinhado pelo Papa Francisco ajudará a efetivar a conversão pastoral e missionária das nossas instituições e estruturas.

5) Um outro desafio é a presença e o poder da inteligência artificial em todas as dimensões da vida humana, do exercício do poder político, económico e militar, da gestão da informação, do desenvolvimento do conhecimento científico, etc. Leão XIV, na encíclica *Magnifica humanitas*, reconhece os méritos da inteligência artificial, mas adverte para os perigos de um uso irresponsável. O Papa propõe alguns critérios éticos para que, nesta era da inteligência artificial, a pessoa humana e o bem comum sejam salvaguardados. Como é que a Igreja se vai posicionar nesta matéria? Que influência tem para que as suas ideias neste domínio sejam acolhidas com interesse por quem usa e por quem controla a inteligência artificial? Estas são algumas perguntas que poderão enriquecer a reflexão sobre a atividade missionária da Igreja.

Concluindo

A celebração anual do Dia Mundial das Missões é tem sido uma ocasião para promover a oração pelas missões, colaborar com a obra missionária da Igreja e angariar fundos para concretizar projetos missionários, por exemplo, nas áreas da pastoral, do desenvolvimento, da educação e da saúde. Tem sido, igualmente, uma ocasião para tornar acessível a um público mais vasto as reflexões e propostas da teologia da missão. Mas, acima de tudo, através desta celebração, professamos que é Cristo que nos envia, através da comunidade, para continuar a sua missão de anunciar o Reino de Deus a todos os povos. Nesta nobre tarefa acompanha-nos com solicitude, Maria, Rainha das Missões e contamos sempre com a luz e a força do Espírito Santo.

José Antunes da Silva, SVD

19 de setembro de 2026